

Paulo Ernani Ramalho Carvalho

Espécies Arbóreas Brasileiras



Sabiá

Mimosa caesalpiniiifolia

volume

2

Sabiá

Mimosa caesalpiniiifolia

Brasília, DF (Cerca-viva)



Nepólis, SE



Foto: Vera Lúcia Eiffer

Sabiá

Mimosa caesalpinifolia

Taxonomia e Nomenclatura

De acordo com o Sistema de Classificação de Cronquist, a posição taxonômica de *Mimosa caesalpinifolia* obedece à seguinte hierarquia:

Divisão: Magnoliophyta (Angiospermae)

Classe: Magnoliopsida (Dicotyledoneae)

Ordem: Fabales

Família: Mimosaceae (Leguminosae: Mimosoideae)

Gênero: *Mimosa*

Espécie: *Mimosa caesalpinifolia* Benth

Publicação: J. Bot. (Hooker) 4: 392 (“*caesalpiniaefolia*”). 1841.

Sinonímia botânica: *Mimosa caesalpiniaefolia* sensu Benth; *Mimosa punctulata* sensu Glazou.

Nomes vulgares por Unidades da Federação: sabiá, no Ceará e em Pernambuco; angiquinho-sabiá, sabiá e sansão-do-campo, em Minas Gerais; unha-de-gato, no Piauí.

Etimologia: o nome específico *Mimosa* vem do grego *mimein*, que significa “fazer movimento”, e *meisthal*, “imitar”, em referência a muitas espécies cujas folhas e folíolos se fecham ou se contraem ao se roçarem entre si ou ao serem tocadas por qualquer corpo estranho (BURKART, 1979).

Parece que o nome vulgar sabiá lhe decorre da cor da casca, parecida com a plumagem do conhecido cantor de nossas matas, pássaro do gênero *Turdus* (BRAGA, 1960; TIGRE, 1970).

Descrição

Forma biológica: arbusto a árvore perenifólia. As árvores maiores atingem dimensões próximas de 10 m de altura e 30 cm de DAP (diâmetro à altura do peito, medido a 1,30 m do solo), na idade adulta.

Tronco: geralmente é dotado de acúleos em maior ou menor grau, podendo ser inerte. Seu caule jovem é pouco espinhoso, perdendo os espinhos à medida que a casca engrossa.

Ramificação: é dicotômica. A copa é espalha-

da, pouco densa e muito ramificada, com ramos fortemente aculeados.

Casca: com espessura de até 5 mm. A superfície da casca externa é pardo-clara, pouco espinhosa, com ritidoma desprendendo-se por tiras alongadas longitudinais, as quais se descamam, aos poucos, em lâminas estreitas e delgadas. A casca interna, em forma de linha, é de cor branca.

Folhas: são compostas, bipinadas e alternas, geralmente com seis pinas opostas. Cada pina, comumente provida de 4 a 8 folíolos glabros, opostos e discolores, mede de 3 a 8 cm de comprimento. Os folíolos basais são ovados e os apicais são irregularmente obovados (em cada pina), entre membranáceos e subcoriáceos na página superior, lisos e com a nervação semi-imersa na inferior, mais claros e exibindo nervuras bastante proeminentes, em cujas axilas basais há uma barba composta de pêlos alvacentos bem visíveis, com o auxílio de lupa. O pecíolo mede de 2 a 5 cm, as estípulas subuladas medem quase 3 mm e os peciólulos medem de 2 a 3 mm. As folhas apresentam acúleos recurvados, presentes (ou não) e látex branco nos ramos e nas folhas jovens (RIZZINI, 1976).

Inflorescências: em espigas cilíndricas, medindo de 5 a 10 cm de comprimento, axilares e ordenadas em panículas terminais.

Flores: são bissexuais, brancas, pequenas e suavemente perfumadas.

Fruto: é um craspédio articulado plano, medindo de 7 a 10 cm de comprimento por 10 a 13 mm de largura, teniado ou segmentado, preso a dois filamentos laterais, os quais permanecem após a queda dos artículos, encerrando uma semente miúda e leve em cada segmento, com estipe de 10 mm e apiculado de quase 5 mm. Os artículos são retangulares ou quadrados, geralmente em número de 8, unisseminados (LIMA, 1985).

Semente: variando em forma, de obovóide a oblonga e orbicular, dura e lisa, medindo de 5,1 a 5,9 mm de comprimento, 4,4 a 6,3 mm de largura e 1,3 a 1,8 mm de espessura. O tegumento é castanho-claro a marrom, de superfície lisa lustrosa, com pleurograma em forma de ferradura (FELICIANO, 1989).

Biologia Reprodutiva e Eventos Fenológicos

Sistema sexual: essa espécie é monóica.

Vetor de polinização: essencialmente a abelha africanizada *Apis mellifera* (NORONHA, 1997) e diversos insetos pequenos.

Floração: de março a abril, no Maranhão; de abril a junho, em Pernambuco (CARVALHO, 1976); de outubro a dezembro, no Ceará e de novembro a março, em Minas Gerais (BRANDÃO et al., 2002). Geralmente, a floração é irregular ao longo dos anos (BARNEBY, 1991).

Em Sergipe, o sabiá introduzido floresceu de novembro a dezembro; no Estado do Rio de Janeiro, de março a junho e no Estado de São Paulo, de abril a maio (ENGEL, 1985).

Frutificação: os frutos amadurecem de setembro a novembro, em Minas Gerais (BRANDÃO et al., 2002); de setembro a fevereiro, em Pernambuco (CARVALHO, 1976) e em janeiro, no Ceará.

Essa espécie inicia o processo reprodutivo precocemente, por volta dos 2 anos de idade.

Dispersão de frutos e sementes: é autocórica, do tipo barocórica (por gravidade).

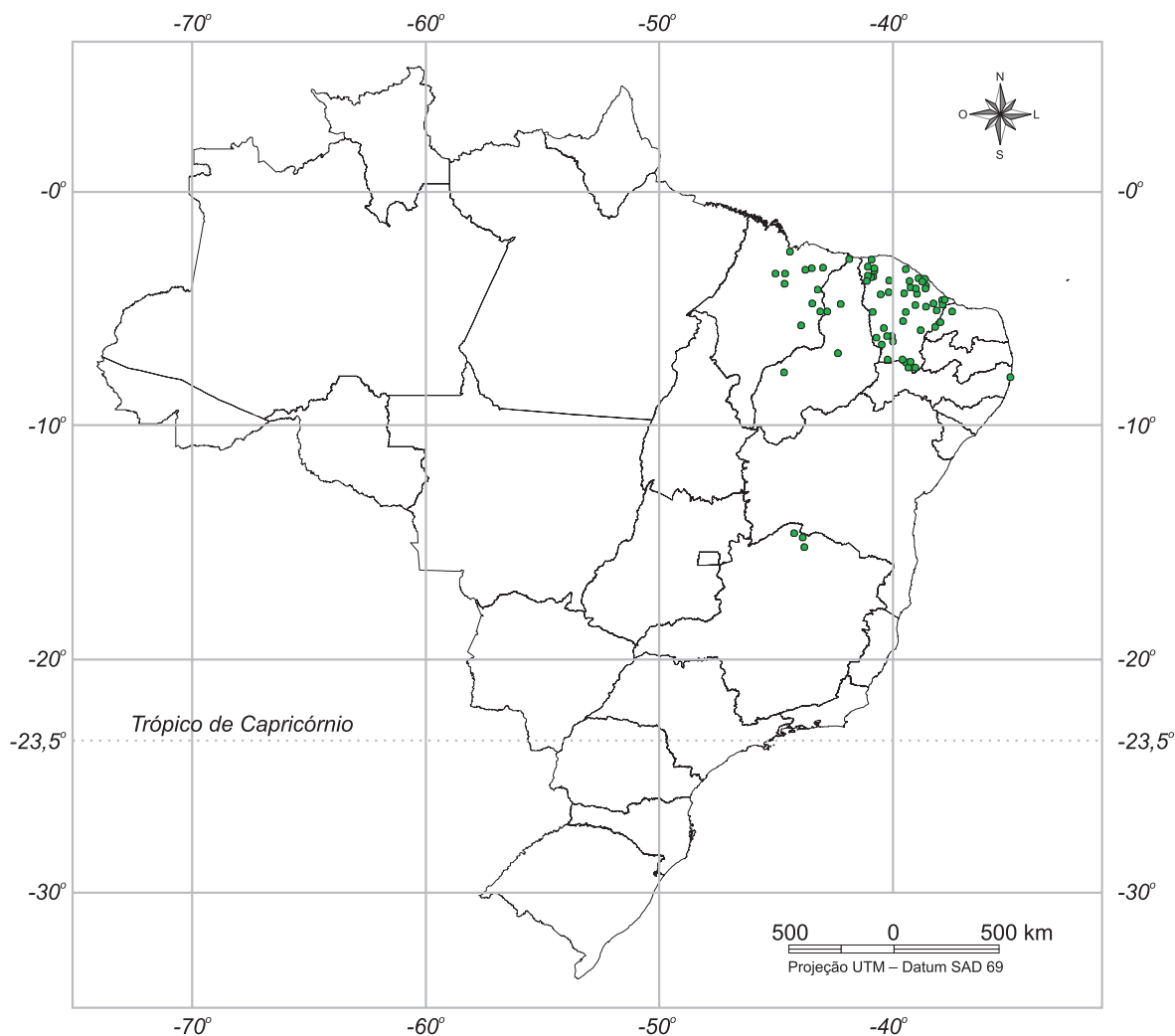
Ocorrência Natural

Latitudes: de 2° 30' S, no Maranhão, a 15° 20' S, em Minas Gerais.

Variação altitudinal: de 20 m a 400 m de altitude, no Ceará. Contudo, o sabiá tem sido plantado em até 1200 m de altitude, no Distrito Federal.

Distribuição geográfica: *Mimosa caesalpiniiifolia* ocorre, de forma natural, no Brasil, nas seguintes Unidades da Federação (Mapa 55):

- Ceará (DUCKE, 1959; ARRAES, 1969; TAVARES et al., 1969; PARENTE; QUEIRÓS, 1970; TAVARES et al., 1974a; MARTINS et al., 1982; FERNANDES, 1990; FERNANDES; NUNES, 1994; LEAL JÚNIOR, 1999; TRIGUEIRO et al., 2000; AIRES; FREITAS, 2001).
- Maranhão (DUCKE, 1953; RIBEIRO, 1971; RIZZINI, 1976; LIMA, 1985; BARNEBY, 1991).
- Minas Gerais (BRANDÃO; GAVILANES, 1994b; BRANDÃO; NAIME, 1998).
- Paraíba (DUCKE, 1953).
- Pernambuco (DUCKE, 1953; BARNEBY, 1991).
- Piauí (RIZZINI, 1976; BARROSO; GUIMARÃES, 1980; CASTRO et al., 1982; LIMA, 1985; BARNEBY, 1991; COSTA et al., 2000; FARIAS; CASTRO, 2004).



Mapa 55. Locais identificados de ocorrência natural de sabiá (*Mimosa caesalpinifolia*), no Brasil.

- Rio Grande do Norte (LIMA, 1964b; PARENTE; QUEIRÓS, 1970).

Essa espécie ocorre como subespontânea, com uma frequência elevada no Estado do Rio de Janeiro, onde se desenvolve com facilidade, apesar do clima úmido (BARNEBY, 1991; AGUIAR SOBRINHO, 1995; GONÇALVES et al., 1999), sendo encontrada asselvajada em Campos.

Na Bahia, é somente conhecida como cultivada (LEWIS, 1987). É também cultivada e subespontânea em Manaus, AM, Belém, PA, Brasília, DF, Tatuí, SP e na África Tropical, na Costa do Marfim (BARNEBY, 1991; VANZOLINI et al., 2000).

Aspectos Ecológicos

Grupo ecológico ou sucessional: *Mimosa caesalpinifolia* é uma espécie pioneira.

Importância sociológica: o sabiá ocorre tanto em formações primárias como secundárias, onde é comum ou frequente nas capoeiras. Num inventário florestal realizado em Quixadá, CE, o

sabiá representou 10,7% da frequência das espécies e 14,0% do volume de madeira (TAVARES et al., 1969).

Biomass / Tipos de Vegetação (IBGE, 2004) e Outras Formações Vegetacionais

Bioma Caatinga

- Savana-Estépica ou Caatinga do Semi-Árido onde é espécie característica (FERNANDES, 1992), com frequência de 71 a 197 indivíduos por hectare (TAVARES et al., 1969).

Bioma Cerrado

- Savana ou Cerrado lato sensu, no Piauí.
- Savana Florestada ou Cerradão, no Piauí (COSTA et al., 2000).

Outras formações vegetacionais

- Ambiente fluvial ou ripário, no Ceará, no Maranhão e em Pernambuco (BARNEBY, 1991).

Clima

Precipitação pluvial média anual: de 315 mm, em Aiuaba, CE, no Sertão dos Inhamuns (GOMES; FERNANDES, 1985), a 2.400 mm, no Maranhão.

Regime de precipitações: chuvas periódicas.

Deficiência hídrica: de moderada a forte, no norte do Maranhão e na Região de Campo Maior, PI. Forte, na Região Nordeste (excetuando-se o norte do Maranhão) e no norte de Minas Gerais.

Temperatura média anual: 22,1 °C (Pedra Azul, MG) a 27,2 °C (Mossoró, RN).

Temperatura média do mês mais frio: 19,5 °C (Pedra Azul, MG) a 26 °C (Morada Nova, CE).

Temperatura média do mês mais quente: 23,9 °C (Pedra Azul, MG) a 29,2 °C (Caxias, MA).

Temperatura mínima absoluta: 12 °C (Tauá, CE).

Número de geadas por ano: esse fenômeno é ausente na região de ocorrência natural. Contudo, em algumas regiões onde essa espécie foi introduzida, como no sudeste e no norte do Paraná, podem ocorrer geadas raras.

Classificação Climática de Koeppen:

Aw (tropical úmido de savana, com inverno seco), no Maranhão e no Piauí, **Bsh** (semi-árido). O sabiá foi introduzido, com sucesso, em: **Cfa** (subtropical úmido, com verão quente), no norte do Paraná. **Cwa** (subtropical, de inverno seco não rigoroso e verão moderadamente quente e chuvoso), no Distrito Federal e no Estado de São Paulo.

Solos

O sabiá ocorre, naturalmente, em terrenos profundos, principalmente em solos de textura arenosa. Por sua baixa exigência em fertilidade e umidade dos solos, desenvolve-se bem, inclusive em áreas muito degradadas, onde tenha havido movimentação de terra e exposição do subsolo.

Entretanto, nesses casos, é importante suprir as plantas por meio de adubação orgânica ou química, para obter melhores resultados em termos de produção de madeira (RIBASKI et al., 2003).

Sementes

Colheita e beneficiamento: os frutos devem ser colhidos diretamente da árvore e secos ao sol, para facilitar a quebra e a retirada das sementes. Podem ser apenas quebrados, separando-se as sementes com casca. Segundo Lorenzi (1992), não há necessidade da retirada das sementes das pequenas vagens. Apenas separam-se os segmentos ou artículos, que podem ser semeados assim.

A debulha mecânica utilizada por alguns produtores de mudas possibilitou uma significativa superação da dormência, garantindo maior germinação das sementes de sabiá, germinação esta equivalente à debulha manual, com desponete (VANZOLINI et al., 2000).

Número de sementes por quilo: 11.800 (TIGRE, 1970) a 33.333 (SOUZA; LIMA, 1982).

Tratamento pré-germinativo: as sementes do sabiá apresentam dormência do tipo impermeabilidade do tegumento à água, que embora seja um mecanismo eficiente para garantir a sobrevivência e a perpetuação da espécie, constitui um fator limitante à sua propagação, tendo em vista que apenas pequenas porcentagens das sementes germinam em condições naturais (GONÇALVES et al., 2000).

Para produção de mudas por sementes, são recomendados os tratamentos pré-germinativos: escarificação em água fervente por 1 minuto e imersão em ácido sulfúrico (até 95%) por 5, 7, 10 e 13 minutos. Os tratamentos de imersão em água a 100 °C por 3 ou 5 minutos causaram a morte das sementes de sabiá (MARTINS et al., 1992). É comum colocar para germinar os artículos. Nesse caso, recomenda-se escarificação com lixa, com germinação de até 66,5% (NASCIMENTO; OLIVEIRA, 1999).

Verificou-se o efeito do uso de água de poços artesianos, com diferentes níveis de salinidade na germinação do sabiá, sendo que os níveis de condutividade elétrica das águas dos poços não influenciaram significativamente os índices de germinação (LIMA et al., 1997).

Longevidade e armazenamento: as sementes dessa espécie são de comportamento ortodoxo com relação ao armazenamento. Sementes de sabiá, armazenadas a seco, mantêm o poder germinativo por até 300 dias (CARVALHO, 1976) ou por período superior a 1 ano (DURIGAN et al., 1997). Seu poder germinativo na natureza dura até o primeiro inverno.

Germinação em laboratório: testes germinativos podem ser encontrados em Silva; Figliolia (1999).

Produção de Mudas

Semeadura: pode ser feita diretamente em sacos de polietileno ou em tubetes de polipropileno de tamanho pequeno ou em canteiros para repicagem. A repicagem deve ser feita 1 a 2 semanas após o início da germinação ou quando as plântulas atingirem 3 a 5 cm de altura.

Germinação: é epígeo-foliácea ou fanerocotiledonar (OLIVEIRA, 1999). A emergência ocorre de 5 a 10 dias após a semeadura, variando de 65% a 90% (CARVALHO, 1976). As mudas atingem porte adequado para plantio cerca de 3 meses após a semeadura. A planta jovem possui raiz axial bastante ramificada.

Associação simbiótica: trata-se de uma espécie que é capaz de fixar nitrogênio por meio de simbiose entre as suas raízes e as bactérias do gênero *Rhizobium*. As raízes do sabiá são do tipo axial, com raízes secundárias longas, finas, bem ramificadas, castanho-claras, com muitos nódulos bacterianos presentes em todo o conjunto (FELICIANO, 1989). Os nódulos são coralóides, com baixa atividade da nitrogenase (FARIA et al., 1984b).

Propagação vegetativa: renova-se por brotação de tocos e mesmo raízes (AGUIAR SOBRI-NHO, 1995). Contudo, o enraizamento de suas estacas apresentou baixa percentagem de enraizamento.

Cuidados especiais: Barroso et al. (1998) recomendam aplicação de 200 mg.kg⁻¹ de N (nitrogênio), nas mudas dessa espécie produzidas em substrato constituído por resíduos agroindustriais (bagaço de cana e torta de filtro peneirados).

Características Silviculturais

O sabiá é uma espécie heliófila, que não tolera baixas temperaturas.

Hábito: não apresenta desrama natural.

Métodos de regeneração: o sabiá é recomendado para consórcio, com essências arbóreas de maior valor, pois essa espécie cria um microclima para melhor desenvolvimento de outras espécies, tal como o exemplo bem-sucedido de jacarandá-da-bahia ou *Dalbergia nigra* (SUASSUNA, 1982).

O sabiá é uma planta caracteristicamente cespitosa, pois forma touceiras. Desde plantas jovens, os brotos que vão formar os céspitas começam a se desenvolver, sendo que o número de ramificações desde a base se situa entre 3 a 8, que culminam com alta produção de madeira (PAULA; ALVES, 1997).

As espécies arbóreas e arbustivas do Semi-Árido possuem uma capacidade muito grande de regenerar-se por brotação. Não há solução de continuidade com os cortes sucessivos. Ao contrário, as brotações são mais vigorosas e numerosas, a ponto de formar uma touceira com até 13 indivíduos arbóreos.

O sabiá possui boa capacidade de brotação, iniciando a partir de 7 dias após o corte do tronco (RIBASKI; LIMA, 1997). O número de brotos chega a ser superior a 12, sendo recomendado o raleio, quando devem ser deixados somente 3 a 6 brotos. Também há a possibilidade da brotação de raízes formar grandes touceiras semicirculares, a partir de apenas uma semente (PAULA, 1983).

Sistemas agroflorestais: *Mimosa caesalpiniiifolia* é uma espécie amplamente utilizada na formação de cercas-vivas e de quebra-ventos em diversas regiões do Brasil (AUGUSTO; SOUZA, 1995). Atualmente, essa espécie vem sendo amplamente utilizada para tutorar plantações de videiras – *Vitis vinifera* nas áreas irrigadas do Vale do Rio São Francisco (RIBASKI; LIMA, 1997).

Crescimento e Produção

Espécie de crescimento rápido, alcançando facilmente 4 m de altura aos 2 anos de idade. Geralmente, os povoamentos de sabiá são explorados pelo sistema seletivo e de talhadia. Essas operações devem ser executadas em benefício do maior desenvolvimento das hastes.

O sabiá é extensamente cultivado por sua rusticidade e incremento rápido, podendo ser explorado entre 4 e 6 anos de idade, obtendo estacas para cercas e excelentes caibros, com diâmetro de aproximadamente 8 cm. Cada planta fornece até quatro caibros. Um sabiazal, racionalmente manejado, pode produzir até 4 mil estacas ou uns 40 m³ de lenha para combustível e carvão (TIGRE, 1970). Com 5 ou 6 anos de idade, pode ser cortado para aproveitamento da madeira. A produção de varas varia entre 4 mil a 9 mil unidades por hectare, em povoamento com 8 anos de idade, em Argissolo Vermelho-Amarelo (RIBASKI; LIMA, 1997). Quem viaja pelos sertões nordestinos, tem oportunidade de ver, às margens das estradas e expostas à venda, pilhas de lenha constituídas, principalmente, por sabiá (PAULA, 1983).

Segundo Kazmierczak et al. (1997), a região de exploração do sabiá compreende cerca de 30.000 ha e apresenta uma estrutura fundiária de pequenas propriedades rurais que, devido ao declínio da cultura algodoeira, passaram a ter na produção de estacas sua atividade principal. Somente no Distrito de Arapá, no Município de Tianguá, CE, de setembro a dezembro, foram comercializadas cerca de 20 mil estacas por dia.

Tabela 46. Crescimento de *Mimosa caesalpinifolia*, em plantios, em cinco Unidades da Federação.

Local	Idade (anos)	Espaçamento (m x m)	Plantas vivas (%)	Altura média (m)	DAP médio (cm)	Classe de solo (a)
Açu, RN ⁽¹⁾	5	...	96,0	2,30
Adrianópolis, PR ⁽²⁾	2	4 x 2,5	70,0	3,00	5,0	PVAd
Floriano, PI ⁽¹⁾	6	...	96,0	1,50
Foz do Iguacu, PR ⁽³⁾	2	4 x 3	80,0	3,64	3,1	LVdf
Petrolina, PE ⁽¹⁾	2	...	100,0	1,80
Rio Formoso, PE ⁽⁴⁾	11	9,50	8,0	...
Rolândia, PR ⁽⁵⁾	8	3 x 2,5	60,0	10,16	9,7	LVdf
Sobral, CE ⁽¹⁾	3	...	81,0	3,70
Umbaúba, SE ⁽⁶⁾	3	3 x 3	100,0	5,90	9,0	...

(a) PVAd = Argissolo Vermelho-Amarelo distrófico; LVdf = Latossolo Vermelho distroférrico.

(...) Dado desconhecido, apesar de o fenômeno existir.

Fonte: ⁽¹⁾ Drumond (1982).

⁽²⁾ Embrapa Florestas / Berneck Aglomerados.

⁽³⁾ Embrapa Florestas / Itaipu Binacional.

⁽⁴⁾ Ledo (1980).

⁽⁵⁾ Embrapa Florestas / Fazenda Bimini.

⁽⁶⁾ Siqueira e Ribeiro (2001).

Produção média de 26,4 st.ha⁻¹.ano⁻¹, com variações de 18,91 a 33,08 st.ha⁻¹.ano⁻¹ (LEAL JÚNIOR et al., 1999), com a incorporação de uma renda extra líquida equivalente a 4,4 salários mínimos, no período da seca (8 meses de estiagem). Dados de crescimento estão contidos na Tabela 46:

Melhoramento Genético

No manejo do sabiá (para obtenção de estacas), o principal problema é a presença de espinhos (acúleos) em alguns indivíduos. Contudo, esse problema pode ser contornado por meio da seleção das árvores sem espinhos no estágio de mudas (LÊDO, 1980; OLIVEIRA; DRUMOND, 1989). Com base em estudos genéticos, Carvalho et al. (1990) conseguiram linhagens sem acúleos – *M. caesalpiniaefolia* forma *inermis* –, com caráter recessivo.

Por sua vez, quando a finalidade de plantio for a formação de cercas-vivas, a presença de espinhos nas plantas torna-se uma característica desejável (RIBASKI et al., 2003).

Geralmente, as sementes comerciais de sabiá apresentam baixa germinação (24% a 25%) e são de má qualidade (TEIXEIRA et al., 1995).

Características da Madeira

Massa específica aparente (densidade): a madeira do sabiá varia de moderadamente densa a densa (0,86 a 1,10 g.cm⁻³) (PAULA, 1980; RIBASKI; LIMA, 1997).

Massa específica básica: 0,80 g.cm⁻³, em árvores com 7 anos de idade (GONÇALVES et al., 1999).

Cor: quando recém-cortada, a madeira do sabiá é rosa-forte. Depois, escurece com o tempo, até castanho-claro e vermelho-pardacento, com nuanças violáceas (AGUIAR SOBRINHO, 1995). O alburno é amarelo, medindo cerca de 1 cm, mesmo em árvores novas.

Características gerais: a madeira dessa espécie é dura, compacta e apresenta superfície brilhante e lisa.

Durabilidade: a madeira do sabiá é de grande durabilidade, mesmo quando exposta a umidade ou quando enterrada.

Outras características: as propriedades anatômicas da madeira dessa espécie podem ser encontradas em Paula (1980) e em Pereira; Lelis (2000).

Produtos e Utilizações

Madeira serrada e roliça: a madeira dessa espécie é apropriada para usos externos, na forma de forquilhas, esteios, vergas e enxaimés, quando as hastes da árvore primária ou suas vergôntes de rebento de tronco têm grande desenvolvimento.

Essa espécie apresenta excelente potencial para produção não só de estacas como também de mourões e de varas. Cada planta produz até quatro caibros aproveitáveis, o que pode representar excelente fonte de lucro (LÊDO, 1980).

O Ceará é considerado o maior produtor e

exportador de estacas de sabiá no Nordeste, concentrando a maior parte de sua produção na região norte do Estado (LEAL JÚNIOR et al., 1999).

A substituição parcial da resina UF (uréia – formol) pelo extrato da madeira de *Mimosa caesalpinifolia* se apresenta como alternativa para produção de adesivos e para aplicação na fabricação de chapas de madeira aglomerada, pois os resultados das propriedades das chapas se mostraram de acordo com a norma comercial CS 236-66 (GONÇALVES et al., 2003).

Energia: a madeira de *Mimosa caesalpinifolia* é indicada para produção de carvão vegetal, em função das suas boas características físico-químicas. O carvão tem alto poder calorífico, destacando-se seu elevado rendimento gravimétrico (32,04%), baixo teor de cinza (1,71%) e alto rendimento em carbono fixo (25,40%) (GONÇALVES et al., 1999a). É também recomendada para uso direto como fonte primária de energia, produzindo ótima lenha (PAULA, 1980). A porcentagem de carbono fixo é em torno de 73% (RIBASKI; LIMA, 1997).

Celulose e papel: a madeira do sabiá não é indicada para produção de polpa celulósica, pelo baixo teor de alfa-celulose (28,40%), alto teor de lignina (32,40%) e elevada densidade básica (GONÇALVES et al., 1999a).

Substâncias tanantes: estudos realizados no Laboratório de Química da Madeira, do Departamento de Produtos Florestais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), mostraram que a madeira dessa espécie é rica em extrativos polifenólicos (tanino), podendo-se usar esse tanino como adesivo para colagem de madeira (PEREIRA; LELIS, 2000). Apresenta 3,5% de tanino condensável e 8% de rendimento em tanino na madeira (GONÇALVES; LELIS, 2001).

Alimentação animal: as folhas do sabiá são de alto valor forrageiro (VASCONCELOS, 1989). Essas folhas tornam-se mais palatáveis para o gado depois que caem no solo e são fenadas, naturalmente. Quando ainda estão verdes, nos ramos, não apresentam espinhos. Tanto fresca como seca (feno), a folhagem constitui ótima forragem para o gado, especialmente na época da seca. As folhas e frutos maduros ou secos são forragens para bovinos, caprinos e ovinos, com teor de proteína bruta de 13,48% a 17,06% (LIMA, 1996).

Análises bromatológica e mineral da parte aérea dessa espécie podem ser encontradas em Lima (1996).

Apícola: o sabiá é uma planta apícola por excelência, produzindo grande quantidade de pólen e abundante néctar, de que as abelhas são muito ávidas (BARROS, 1960). Contudo, vale ressaltar que *M. caesalpinifolia*, presente em 12 das 14 amostras (85,71%) de méis do Estado do Ceará (AIRES; FREITAS, 2001), foi por muito tempo considerada apenas como planta polinífera, não sendo incluída nas listas de plantas melíferas brasileiras. Sua primeira citação como planta importante na composição do mel cearense ocorreu a partir do trabalho de Freitas (1991), sendo confirmada, posteriormente, por Noronha (1997).

Medicinal: em medicina caseira, a casca do sabiá é usada da seguinte maneira:

Uso interno – Infusão das cascas. É usada como tônico, no tratamento da bronquite.

Uso externo – Cozimento das cascas. É aplicado para estancar sangramentos e para lavagem de ferimentos.

Paisagístico: a árvore apresenta características ornamentais, principalmente pela forma entouceirada que geralmente apresenta.

Plantios em recuperação e restauração ambiental:

essa espécie é muito importante em todo o Nordeste, com dupla finalidade (COSTA, 1983; LIMA, 1989). Ótima espécie coadjuvante. Quando plantado em consorciação, o sabiá favorece o crescimento das espécies mais valiosas. Como planta tolerante à luz e de rápido crescimento, é ideal para plantios heterogêneos destinados à recomposição de áreas degradadas e de preservação permanente, com aporte de nutrientes pela serrapilheira (COSTA et al., 1997). Quando depositadas no sub-bosque dos projetos de recuperação, as folhas dessa espécie podem vir a ter o efeito de inibir a germinação de sementes depositadas no solo (COSTA; PINÃO-RODRIGUES, 1977). Tal fato foi em decorrência da constatação de alta mortalidade e inibição do desenvolvimento de espécies plantadas em sub-bosque de sabiá.

No Estado do Rio de Janeiro, na Estação Florestal Experimental Engenheiro Mario Xavier, Golfari; Moosmayer (1978 ?...) observaram exemplares dessa espécie sob um povoamento de eucalipto, que estão se desenvolvendo normalmente, não sendo afetados pela sombra, nem pela concorrência radicular.

Associado a outras espécies, o sabiá tem se prestado para plantios de contenção de encostas e para proteger os morros desnudos da cidade do Rio de Janeiro, evitando assim o carreamento do solo, devido a sua raiz axial bastante ramificada (AGUIAR SOBRINHO, 1995).

Principais Pragas

As sementes do sabiá são atacadas por um coleóptero (*Bruchus pisorus*), perfurando-as antes mesmo da coleta ou logo após seu beneficiamento (RIBASKI et al., 2003). Esse fator é importante e serve como indicativo para escolha de sementes de qualidade, garantindo maior percentual de germinação.

Espécies Afins

O gênero *Mimosa* L. possui de 400 a 450 espécies, principalmente na América do Sul e na América Central. Contudo, é escassamente representado na África e na Ásia (BARNEBY, 1991). A *M. laticifera* Rizz.; Matt. é uma pequena árvore da Savana Florestada ou Cerradão de Minas Gerais, cujo cerne é muito parecido com o do sabiá. Ambas as espécies exsudam látex. Segundo Rizzini (1971), a distinção é mostrada na Tabela 47.

Tabela 47. Características de *Mimosa caesalpinifolia* e *Mimosa laticifera*.

	<i>Mimosa caesalpinifolia</i>	<i>Mimosa laticifera</i>
Casca	Fina, descamante e com camada suberosa fina.	Espessa, persistente, fundamentalmente sulcada e toda suberosa.
Folhas	Com seis pinas, cada pina com 4 a 8 folíolos ovados ou menos obovados.	Com oito pinas, cada pina com 2 a 4 folíolos obovados ou orbiculares.
Flores	Em espigas cilíndricas e alongadas.	Em glomérulos globosos e pequeninos.

Embrapa

Florestas

Referências Bibliográficas

clique aqui